

## MACHADO DE ASSIS E A INQUISIÇÃO: DIÁLOGOS DE UM BRUXO COM UM JUDEU

**Kênia Maria de Almeida PEREIRA.**  
**Universidade Federal de Uberlândia-UFU-**  
**[kenia@triang.com.br](mailto:kenia@triang.com.br)**

**Resumo:** Machado de Assis foi, desde sempre, um leitor assíduo das comédias do dramaturgo luso-brasileiro Antônio José da Silva, o Judeu. Basta uma leitura mais atenta de algumas crônicas de Machado para verificarmos várias referências tanto à temática da Inquisição quanto também menções à obra e à vida trágica de o Judeu. Os comentários variam de um estudo exaustivo da dramaturgia de Antonio José, como é o caso das "Páginas Críticas e Comemorativas", anexadas ao final do livro de contos "Relíquias da Casa Velha", até pequenas referências, como as da crônica 48 pertencentes à obra "Balas de Estalo". Nestes comentários, Machado chama a atenção também para os possíveis diálogos intertextuais mantidos por Antônio José com escritores canônicos e consagrados tais como Cervantes, Camões, Molière e também autores do "Pentateuco". Não contente em apenas analisar as operetas de Antônio José da Silva, o Bruxo do Cosme Velho, em 1739, publica "Ocidentais", no qual irá dedicar um belo poema ao Judeu, intitulado "Antonio José". Nestes versos, Machado menciona um comediógrafo caminhando nas fronteiras do riso e das lágrimas, até terminar seus dias queimado em praça pública. Consideramos que, com este poema, Machado apresenta-nos as primeiras sementes daquilo que seria mais tarde considerado a principal característica de sua ficção "as contradições da natureza humana". Nossas reflexões estarão ancoradas nos estudos de Anita Novinsky, Paulo Pereira, Alberto Dines, Kenia Pereira, Tucci Carneiro, Antonio Candido, Roberto Schwarz, dentre outros.

**Palavras-chave:** Machado de Assis, Antônio José da Silva, judaísmo, poesia

Muita coisa já foi dita e escrita sobre Machado de Assis. Parece mesmo lugar comum artigos sobre o escritor de *D. Casmurro*. O que mais teríamos para dizer de Machado, em pleno século XXI? Afinal, já se contabilizam quase um século de estudos em torno da ficção machadiana. Inúmeros ensaios, teses e livros já foram desenvolvidos e devorados por outra infinidade de estudantes, pesquisadores e curiosos. O que mais restaria para comentar? Ora, todos sabem daquela capacidade invulgar dos escritores canônicos: a inesgotável genialidade de nos surpreender a cada nova leitura. O Bruxo do Cosme Velho nos seduz e encanta sempre que estamos dispostos a mergulhar em suas páginas repletas de ironias e personagem inesquecíveis. Enfim, um clássico. Para Ítalo Calvino, por exemplo, um autor clássico é aquele que "nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer".(CALVINO, 1998, p.11). Ou ainda, "os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos".(CALVINO, 1988, p.12).

Mas, também, por ser obra consagrada e canônica, ela está sujeita a inúmeros chavões e frases-feitas. Mesmo quem nunca leu Machado, costuma se referir a ele como o criador de Capitu: a mulher maliciosa de "olhos oblíquos e dissimulados". Outros ainda se recordam do famoso conto *O alienista* e as angústias do personagem Simão Bacamarte frente à loucura e à sanidade mental. Muitos conseguem apenas se reportarem a alguns momentos da sua

biografia, citando a infância pobre de Machado, o menino vendedor de balas ou o rapaz inteligente e autodidata que, por meio de muita luta e coragem, fundou a Academia Brasileira de Letras. Tem razão Antonio Candido quando comenta em *Vários escritos*, no capítulo intitulado “O Esquema de Machado de Assis” que “como nosso modo de ser é bastante romântico, temos uma tendência quase inevitável para atribuir aos grandes escritores uma quota pesada e ostensiva de sofrimento (...)pois, a vida normal parece incompatível com o gênio”. (CANDIDO, 1995,p.17)

Longe, no entanto, destes lugares-comuns e das pequenas tragédias imaginadas para a infância deste autor carioca, sabemos que a obra machadiana abarca uma profusão de temas, uma diversidade de questionamentos, muitos deles pouco conhecidos e outros ainda parcamente analisados. Basta lembramos que Machado publicou aproximadamente cento e cinquenta contos, nove romances, três peças teatrais, centenas de crônicas e ensaios críticos além de uma grande quantidade de cartas endereçadas à diversas personalidades artísticas e políticas, dentre elas: Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Rui Barbosa, Barão do Rio Branco, dentre outros. Uma riqueza poética e simbólica que ainda aguarda a curiosidade, a dedicação e o olhar crítico dos pesquisadores.

Dentre estas temáticas pouco analisadas e conhecidas do leitor comum, há uma em espacial que tentaremos focar nesse artigo: o fascínio que o teatro de Antônio José da Silva, o Judeu, exerceu sobre a escrita de Machado de Assis.

Mas, afinal, quem foi Antônio José e por que Machado de Assis se interessaria tanto assim por ele? E mais, por que o escritor de *Quincas Borba* faria várias referências ao Judeu, além de tê-lo homenageado com um belo poema intitulado Antônio José?

Para falar de Antônio José da Silva, o Judeu, faz-se necessária uma visita ao passado do Brasil e de Portugal. Em 1705 nasce, no Rio de Janeiro, de família judia, uma criança que, mais tarde, pelo sucesso de seu teatro, seria cognominada de o Judeu. Já aos oito anos de idade, ele e vários parentes são vítimas das práticas mais famigeradas da Inquisição portuguesa: seus pais, avós e tios são condenados como hereges judaizantes. Levados para Lisboa são torturados e condenados à prisão. Quando ganham novamente a liberdade não podem mais sair de Portugal e, assim, o menino Antônio José passa a residir definitivamente na Europa. Quando adulto, resolve seguir a carreira do pai, passa a advogar e, ao mesmo tempo, escrever suas peças teatrais. Mas, quando tudo parecia estar em paz, o Judeu é denunciado como herege. Aos 21 anos de idade, ele sente na pele as mesmas torturas sofridas por seus parentes. Antes de ganhar a liberdade, assina o termo de arrependimento, no qual consta sua conciliação com a Igreja Católica e a promessa de nunca mais blasfemar contra o catolicismo: promessa, aliás, vã, já que de seus futuros textos teatrais exalariam inúmeras críticas à Inquisição e aos seus instrumentos de tortura.<sup>1</sup>

Antônio José retoma o ritmo normal da sua vida, advogando e escrevendo peças teatrais cômicas, que encantavam ao público português. O Judeu teve o mérito de ser um dos primeiros teatrólogos a trabalhar no palco, de forma profissional, com enormes bonecos de cortiça: fantoches desengonçados, que contribuía para suscitar o riso e enriquecer os cenários mais simples. Suas peças teatrais lembram o humor de Gil Vicente e a fina ironia de Molière. O humor e o deboche que emanam de suas comédias alfinetavam a corte, seus costumes provincianos, a medicina incipiente, a justiça desmoralizada e, principalmente, o fanatismo religioso que aterrorizava e matava milhares de judeus em nome da fé e da palavra divina. (PEREIRA, Paulo, 2007).

Ao todo, o Judeu escreveu nove peças teatrais. Em *A vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança* há evidente intertextualidade com Cervantes. Os

---

<sup>1</sup> As informações sobre a vida e a obra de Antônio José da Silva, o Judeu foram adaptadas de meu livro *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, O Judeu*, São Paulo: Annablume, 1998.

momentos mais hilários resultam de críticas endereçadas aos poetas medíocres. Sancho chega mesmo a afirmar ao engenhoso Fidalgo:

Que vossa mercê entre no Parnaso, não é muito, porque é louco: porém eu, sendo um ignorante, também cá esteja, é o que mais me admira: e daqui venho agora a concluir que não há tolo que não entre hoje no Parnaso (p. 67).<sup>2</sup>

Já em *A Esopaida, ou a vida de Esopo*, o personagem Esopo, entre uma fábula e outra, aproveita para rir do latim macarrônico e empolado dos estudantes de Direito em Coimbra:

No potest esse; agumentor ita; não haberá barbeiro, que ad namorandam, vê! bichancreandam fregonam non tangat oitavado; atqui que o oitavado é som folgazão; ergo, srmoringuiatur com causa alegre. (TAVARES, 1957, p.169)

Em *Os encantos de Medéia*, o alvo certo do deboche são os ditados populares e nem mesmo a própria mitologia grega escapa dos trocadilhos: “Senhor Teseu, carneiro com pele de ouro? Isso deve ser pele do Diabo! Para isso é necessário vir com tantas armas? Ora queira Deus, não venhamos a buscar lã e vamos tosquiados”. (Idem, ibidem, p.10).

Já em *Anfitrião, ou Júpiter e Alcmena*, muitos dos personagens estão preocupados com o tema da justiça, tão desmoralizada na terra de D. João VI:

Por advertes que tens bom juízo; porque um juiz para ser bom, há de ser como um espelho: aço por dentro, para resistir aos golpes das paixões humanas; e cristal por fora, para resplandecer com virtudes; e um juiz desta sorte é o espelho em que a República se revê. (TAVARES, 1957, p. 180).

E não podiam faltar ainda referências aos maus tratos sofridos pelos judeus na prisão:

Saramago: Como hei de andar, se a minha desgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo? Ah, senhores meus, vejam se me podem tirar estes ferros, que tão aferrados estão; e, por mais que os sacudo de mim, cada vez estão mais ferrenhos comigo. ((TAVARES, 1957, p.211)).

Por outro lado, em *Labirinto de Creta* surge a metáfora da perseguição e matança aos cristãos-novos, promovida pela Igreja e pelo Estado, pelos quais ambos se beneficiaram com os bens das vítimas. “Taramela: E há homens que se matam por dinheiro? Esfusote: Filha, todos se matam por dinheiro”. (TAVARES, 1857, p.39)

O Judeu também não perdoou os costumes frívolos das moçoilas casamenteiras, as quais passavam a vida tentando seduzir um parceiro rico e terminavam vítimas do golpe do baú; pois rapazes pobres se faziam passar por fazendeiros ou advogados de sucesso e acabavam por ganhar o coração destas sonhadoras. Esta é a temática de *Guerras do Alecrim e Manjerona*, que, aliás, a crítica aponta como a melhor e mais bem resolvida peça de Antônio José. É possível ainda perceber, nesta comédia, severas críticas à medicina rudimentar do século XVIII e os médicos que, provavelmente, mais matavam que curavam:

Semicúpio: Vossa Mercê é casada ou solteira?

D. Tibúrcio: Porquê, senhor doutor?

Semicúpio: Porque os sinais são de prenhe.

<sup>2</sup> A partir desta nota, as referências à obra de Antônio José da Silva, O Judeu virão no corpo do texto com base na seguinte edição: TAVARES, José Pereira (org.) Obras completas de Antônio José da Silva, o Judeu. Lisboa: Sá da Costa, 1957.

D. Lancerote: Não, senhor que meu sobrinho é macho! (TAVARES, 1957, p. 246).

Em *Variedades de Proteu*, há alguns momentos de sátira aos ditados machistas: “Toda mulher que não for inclinada ao matrimônio há de levá-la o demônio”. (TAVARES, 1957, p. 27).

Já em *Precipício de Faetonte*, há claras ironias ao index dos livros proibidos:

Chichisbéu: Olá, temos mais um livro? Não há dúvida: é livro! E é de razão que o veja (...) Veja se achamos nele alguma coisa, pois dizem que tudo se acha nos livros. (Assenta-se e começa a folhear o livro). Abram os e vejamos o que contém. Líber astrolomágico. Irra! Mágico! Passa fora! (TAVARES, 1957, p. 104).

Com *El prodígio de Amarante*, peça escrita em espanhol, o Judeu alfineta o regime celibatário dos padres católicos:

D. Antônio: “Que importa o sacerdócio? Que importa abade ser, se o brando ócio de amor provoca em mim mais incêndios?” (TAVARES, 1957, p. 173).

O Judeu escreveu ainda um interessante conto fantástico intitulado *Obras do diabinho da mão furada*, em que figuram inúmeras referências às credices em pactos demoníacos, além do enfoque à “caça às bruxas”. O Judeu não se esqueceu dos tristes episódios envolvendo torturas de mulheres rotuladas de bruxas, que acabaram sendo queimadas vivas em um tétrico espetáculo público:

Viu Peralta saírem de Santo Antão quatro beatas com suas toalhas largas, rosários nas mãos, as caras torpes, macilentas e fracas, com os olhos pregados no chão, passando praça de grandes devotas o edificado da modéstia que ostentavam (...), mas na verdade não passavam de bruxas que vira entrar pela janela do aposento onde estava (TAVARES, 1957, p. 281).

Em seguida, o Judeu ainda teve fôlego para editar uma comédia em espanhol, marcadamente anticlerical. Num discurso saboroso e carnalizado, em *El Prodígio de Amarante*, santos do catolicismo se mesclam aos rituais de gula e à concupiscência dos abades, como se pode deduzir desta pequena fala debochada do histrião Guarim: “É uma vida tam regrada/ que, se me dão água e vinho, / bebo o vinho e deixo a água” (TAVARES, 1957, p. 212).

Ironicamente, um autor que só escreveu comédia e fez o público se deliciar com sua irreverência e hilários trocadilhos teve um final de vida nada engraçado. Antônio José foi colhido novamente nas malhas da Inquisição e, desta vez, não saiu da prisão com vida. Com apenas 34 anos de idade, em 1739, no auge de sua carreira artística, morre Antônio José, degolado e queimado em praça pública.

Tanto sua vida trágica como sua obra irreverente seduziram não só Machado, como também outros artistas. O primeiro poeta a se interessar vivamente pelo autor de *Guerras do Alecrim* foi Gonçalves de Magalhães, o introdutor do Romantismo no Brasil, com a peça *Antônio José ou o poeta e a Inquisição*, levada aos palcos brasileiros em 1838. Já em Portugal, a vida atribulada de Antônio José e suas peças hilárias e críticas inspiraram o historiador e romancista Camilo Castelo Branco, que escreveu, em 1866, dois tomos do

romance histórico denominado *O Judeu*. Em 1930, conforme nos informa Alberto Dines, dois escritores poloneses, Moshe Broderson e Alter Katzizne, em língua ídiche, também, homenagearam o talento e a inteligência de o Judeu, encenando peças que resgataram os momentos finais de Antônio José, morto na fogueira do Santo Ofício.(DINES, 1992, p.26).

Recentemente, em 1995, o diretor Jom Azulay levou às telas do cinema brasileiro um belíssimo filme intitulado *O Judeu*, em que história e ficção se mesclam de maneira equilibrada. Vale a pena assistir a esta adaptação criativa de Azulay. No elenco, há artistas consagrados como Dina Sfat, Felipe Pinheiro, José Lewgoy, Fernanda Torres e Edwin Luisi.

O diretor Azulay tenta ser o mais fiel possível aos fatos mais importantes da vida de Antônio José. Ali pode ser vista a luta da Antônio José para recuperar o teatro popular de fantoches, suas peças debochadas, sua prisão, seus amores, seus tormentos. E, ainda: um Portugal amedrontado pela mão de ferro da Igreja, mas que não dispensava um bom divertimento: dentre eles, gargalhar no Bairro Alto com os espetáculos de o Judeu.

Não podemos esquecer ainda o genial teatrólogo português Bernardo Santareno que, de maneira política e inovadora levou aos palcos de Portugal a peça *O Judeu*. Considerado como um dos mais importantes artistas do século XX, Santareno, num estilo que lembra Brecht, denuncia de forma marcadamente política a instituição que condenou um artista por possuir uma única arma: o verbo poético e corrosivo. Para Santareno, Antônio José é a metáfora dos poetas-mártires que morrem pela palavra.

Voltando ao Bruxo do Cosme Velho, é provável que, dentre todos os que homenagearam o Judeu, Machado de Assis foi o que conseguiu o prodígio de resumir em apenas seis versos toda a vida complexa e ambígua deste teatrólogo. Basta lermos o poema *Antônio José*, para percebermos como Machado, já nos primórdios de sua criação ficcional, apresenta as sementes daquilo que seria a marca registrada de sua literatura: revelar a contradição da alma humana.

Antônio José

(21 de outubro de 1739).

Antônio, a sapiência da Escritura

Clama que há para a humana criatura

Tempo de rir e tempo de chorar;

Como há um sol no ocaso, outro na aurora.

Tu, sangue de Efraim e de Issacar,

Pois que já riste, chora. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.162-3)

Poucos sabem, mas Machado começou sua vida literária como poeta. Foi fazendo sonetos para os jornais que o escritor de *D. Casmurro* se firmou no mundo literário. E como muito bem aponta Marcelo Corrêa Sandmann, Machado foi “um grande conhecedor da tradição da poesia e das tendências poéticas de seu tempo, em língua portuguesa ou noutras literaturas, bem como de um excelente artesão do verso”. (SANDMANN, 2008,p.1) Exemplo disto é este poema curto de seis versos em que se mesclam tanto as referências ao *Eclesiastes* como a vida ambígua do trágico dramaturgo. Se o *Eclesiastes* apresenta-nos a filosofia das contradições e do paradoxo, uma vez que para a humana criatura há tempo de “rir e tempo de chorar”; “tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou”; “tempo de nascer e tempo de morrer”; também Antônio José experimentou a dubiedade de um Portugal que lhe deu tanto a doce glória dos palcos como a ignominiosa morte na fogueira. Machado enfatiza a descendência judaica de Antônio José ao fazer menções às grandiosas tribos de Efraim e Issacar. Efraim era neto de Jacó e sua descendência deu origem a figuras famosas do primeiro testamento como Josué, Débora e Samuel. Issacar, filho de Jacó, também deu origem a uma das principais tribos do lado oriental do Tabernáculo, ao lado de seus irmãos Judá e Zebulom.

Estas referências na pena de Machado não são de forma nenhuma aleatórias, já que a perseguição ao grupo hebreu remonta aos tempos bíblicos, desde as errâncias de Abraão pelo deserto, tendo se acirrado no Renascimento com a Inquisição portuguesa e a queima de milhares de cristãos-novos, dentre eles, muitos poetas e artistas como o próprio autor de *Guerras do Alecrim e da Manjerona*. De nada adiantou a descendência nobre de o Judeu tampouco sua reputação como dramaturgo genial. Antônio José perdeu a vida com 34 anos, no auge da fama e da criatividade. As contradições do *Eclesiastes* se comprovaram mais uma vez.

Além deste poema, Antônio José aparece mais cinco outras vezes citado na *Obra Completa* de Machado de Assis, publicada pela Editora Nova Aguilar em 1994. Os comentários variam de um estudo completo e exaustivo de sua dramaturgia, como é o caso de *Páginas Críticas e Comemorativas*, anexadas ao final do livro de contos *Relíquias de casa velha*, até pequenas referências, como as da crônica de número 48 pertencente à obra *Balas de Estalo*.

No primeiro exemplo, Machado de Assis chama a atenção para o fato de que somente a vida trágica de Antônio José não é fator suficiente para lermos com simpatia as obras deste autor. As comédias de Antônio José são boas por elas mesmas, sem necessidade de apelar para sua biografia, ou, como explica o próprio Machado:

A piedade não é de certo razão determinativa em pontos de crítica, e tal poetastro haverá que sucumbindo a uma grande injustiça social, somente inspire compaixão sem desafiar a análise. Não é o caso de Antônio José; este mereceria por si só que o estudássemos, ainda despido das ocorrências trágicas que lhe circundem o nome. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.176)

É interessante focar ainda que Machado realiza uma análise que aponta os possíveis diálogos intertextuais mantidos pelo Judeu com escritores canônicos, que vão de Cervantes a Camões. Machado indica as “fontes inspiradoras” em que o escritor de *Guerras do Alecrim* bebeu para criar sua arte. Ao comentar a peça *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena*, por exemplo, Machado chama atenção para os seguintes aspectos:

Vamos agora a o que Judeu imitou diretamente de Molière. Há na comédia de aquele caráter, o de Cornucópia, mulher de Saramago, que não tem equivalente na de Plauto, nem na de Camões, e só na de Molière existe (...) Ora bem, a situação e o caráter de Cléanthis transportou-os o Judeu para o seu Anfitrião, e não se pode dizer encontro fortuito, senão deliberado propósito. Basta cotejá-los com espírito advertido; a diferença é de tom, de estilo; substancialmente a invenção é a mesma; as próprias idéias reproduzem-se às vezes na obra de Judeu. Assim, logo na cena em que Mercúrio transformado em Saramago (Sósias) encontra a mulher deste, achamos o traço comum aos dois poetas. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.668)

Machado continua esse estudo crítico cotejando outras peças de Antônio José e seus possíveis antecessores. Analisa, ainda, *Guerras do Alecrim*, *A vida do grande D. Quixote e do Gordo Sancho Pança* e acaba por concluir suas análises com a seguinte observação, que bem pode resumir quase toda a carreira teatral de Antônio José:

Esta é a última conclusão que rigorosamente se pode tirar do poeta. Ele não imitou, não chegaria a imitar Molière, ainda que repetisse as transcrições que fez no Anfitrião; tinha originalidade, embora à influencia das óperas italianas. Convenhamos que era um engenho em disciplina, nem gosto, mas característico e pessoal. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.729)

Desta forma perguntamos até que ponto o *Bruxo do Cosme Velho* não teria alimentado parte de sua alquimia ficcional deglutindo elementos da dramaturgia de o Judeu? É bem provável que o teatro de Antônio José tenha oferecido alguns fios, fiapos de linhas, dentre os inúmeros romances entrelaçados que compõem a tecitura da poética machadiana. Estas nossas suspeitas tornam-se ainda maiores quando é do próprio Machado a seguinte observação: “O nosso Domingos de Magalhães foi diplomata e poeta. Não conheço as suas notas, mas li os seus versos, e regalei-me em criança com o Antônio José”.(MACHADO DE ASSIS, 1994, p.668)

No que tange às outras referências ao escritor de *Guerras do Alecrim*, elas aparecem por mais duas vezes em outras crônicas. Essas referências soam como se fossem citadas de memória: o que comprova, mais uma vez, o apreço e o grande conhecimento da obra de o Judeu que Machado sempre fez questão de demonstrar:

Mas no dia seguinte, que o diabo diz que também é dele, vereis o meu pobre Calisto arrimado a alguma porta ou esquina. À espreita de algum sucesso que passe, desconsolado como na ópera de nosso Antônio José: Tão alegres que fomos, tão tristes que viemos.(MACHADO DE ASSIS, 1994,p.455)

Ou ainda esta citação que se encontra nas *Crônicas Bons Dias*: “Não podendo estar abertas as da loja de grinaldas, foi muito melhor fechá-las. ‘É assim que eu gosto dos médicos especulativos’ dizia um personagem de Antônio José”.(MACHADO DE ASSIS, 1994, p.505)

Assim, pegadas de Antônio José vão marcando os textos de Machado de Assis. Aqui e ali, ouvem-se ecos de o Judeu a entrelaçar-se às vozes machadianas.

Rotulado como poeta menor, raramente as poesias do criador de D. Casmurro são estudadas. O que é uma pena, já que elas podem revelar outras faces de Machado, além de que, como muito bem aponta Paul Zumthor: “a voz poética é, ao mesmo tempo, profecia e memória (...) projeta a aventura e eterniza o acontecimento”.(ZUMTHOR,1993,p.139) Mas, a poesia de Machado ainda está relegada ao esquecimento e ao silêncio. Na verdade, ainda são poucos, muito poucos os estudos sobre a poesia, a crítica e a crônica machadianas. Sabemos que a grande concentração de trabalhos volta-se para os contos e os romances. Ora, momentos surpreendentes e inovadores podem estar também justamente nessa parte de sua ficção que é tida como medíocre.

Essas reflexões em torno do criador de *A mosca Azul* são uma forma de chamar a atenção não só para fragmentos da ficção desde autor desconsiderada pela crítica em geral. Como é também espaço para lembrarmos de temáticas tratadas por Machado que muitos leitores e críticos desconhecem. Uma delas é, exatamente, a temática do judaísmo. A professora Anita Novinsky é, provavelmente, uma das primeiras estudiosas a interessar-se por esta questão. Em seu livro, *O olhar judaico em Machado de Assis*, Novinsky analisa o poema *A Cristã-nova*, chamando a atenção para o fato de que a temática da Inquisição e do povo hebraico sempre interessou ao autor de *Esau e Jacó*. Leitor apaixonado da Bíblia, principalmente do *Antigo Testamento* e do *Eclesiastes*, Machado deixou, em prosa e em verso, trabalhos que refletem essas leituras, dentre eles: *Viver*, *O dilúvio*, *Antônio José*, *A Cristã-nova*, *Espinosa*, *Ashaverus*, etc.

Em cada uma dessas criações ficcionais, Machado ou homenageia ou demonstra sua preocupação com as inúmeras perseguições ao povo judaico. Homenagens e denúncias se mesclam nos textos desde autor de *Cosme Velho*. É por isso que é sempre com alguma comoção que lemos o poema em memória do pensador Espinosa. Filósofo “marcado pelo conflito de suas origens”, como muito bem elucidou Marilena Chauí, Espinosa foi excomungado nas Igrejas por ser judeu e hostilizado nas sinagogas por ser ateu. Perseguido e injuriado, viveu alguns momentos de seus dias isolado, polindo lentes para não morrer de

fome, mas sempre meditando e escrevendo incansavelmente contra as injustiças humanas.(CHAUI, 1995, p.46).

Machado, com certeza, absorveu esta herança intelectual deixada pelo criador da *Ética*: um pensador sempre disposto a rechaçar toda e qualquer forma de superstição seja ela religiosa, política ou filosófica. Deixo o poema registrado aqui para que os leitores elaborem a suas próprias conclusões:

Espinosa

Gosto de ver-te grave e solitário,  
Sob o fumo da esqualida candeia,  
Nas mãos a ferramenta de operário,  
E na cabeça a coruscante idéia.

E enquanto o pensamento delinea  
Uma filosofia, o pão diário  
A tua mão a labutar granjeia  
E achas na independência o teu salário.

Soem cá fora agitações e lutas,  
Sibile o bafo aspérrimo do inverno,  
Tu trabalhas, tu pensas, e executas

Sóbrio, tranqüilo, desvelado e terno  
A lei comum, e morres, e transmutas  
O suado labor no prêmio eterno.(MACHADO DE ASSIS, 1994, p.163)

Para Anita Novinsky, Machado, ao contrário do que muitos pensam, apresenta intensa sensibilidade política pelos fatos sociais de seu tempo, já que:

(...) a geração de Machado, ou as próximas dele, tinham talvez mais consciência dos efeitos da Inquisição do que nós, brasileiros do século XX. Não há dúvida de que Machado de Assis sentia a questão judaica e olhava com profunda simpatia para o percurso dos judeus a través da história.(NOVINSKY, 1990, p.7)

Interessante lembrarmos também Arnaldo Niskier, que aponta o fato de que Machado, ao elaborar poemas em homenagem aos cristãos-novos oprimidos, provavelmente estaria se deixando influenciar “pela sua condição de mulato, solidário na dor da perseguição aos judeus”.(NISKIER, 1990, p.2) Ou ainda, denunciar os maus-tratos imputados aos hebreus conecta-se com o pensamento de Machado com relação aos negros já que o autor de *Don Casmurro*, como afirma Roberto Schwarz, “ via no Brasil o bastião da escravatura, envergonhan(do-se)diante dela”. (SCHWARZ,1977,p.26)

Ora, essa imensa simpatia de Machado para com os judeus está mais que confirmada nos vários resgates que ele faz da obra e da vida de Antônio José. Desta forma, é provável que a imagem de o Judeu represente, na obra de Machado, a metáfora do oprimido, do marginalizado, do injustiçado, ou daquilo que ele mesmo nomeia de vidas humanas marcadas pelo “caráter da tragédia”.

## BIBLIOGRAFIA

- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARNEIRO, Maria Luisa Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- CHAUI, Marilena. *Espinoza, uma filosofia da liberdade*. São Paulo, Moderna, 1995.
- DINES, Alberto. *Vínculos do fogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- MACHADO DE ASSIS, J.M. *Obra completa*. Afrânio Coutinho (org). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- NOVINSKY, Anita. *O olhar judaico em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1990.
- NISKIER, Arnaldo. “Machado, Anita e os judeus”. In: *O olhar judaico em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1990.
- PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998.
- PEREIRA, Paulo Roberto. (org.) *As comédias de Antônio José, o Judeu*. São Paulo: Martins, 2007.
- SANDMANN, Marcelo Corrêa. “A poesia narrativa de Machado de Assis: Pálida Elvira, estudo de um caso”. In: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC-Tessituras, Interações, Convergências*-São Paulo: USP: 2008.p.1-2.
- SILVA, Antonio José. *As comédias de Antônio José, O Judeu*. Introdução, seleção e notas de Paulo Roberto Pereira. São Paulo: Martins, 2007.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- TAVARES, José Pereira. (org.) *Obras completas de Antônio José da Silva, o Judeu*. Lisboa: Sá da Costa, 1957.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.